

ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: A NARRATIVA DE JOSÉ BEZERRA GOMES COMO FONTE HISTORIOGRÁFICA NOS ESTUDOS SOBRE O SERIDÓ¹

Paula Rejane Fernandes²

Meu avô amanhecia o dia gritando debaixo do alpendre da casa-grande. A camisa de algodão branca por cima da calça de mescla. O lenço de chita na mão trêmula. A barba cobrindo o peito cabeludo.

*– Ainda estou vivo. Quando eu morrer então acabem o resto.*³

José Bezerra Gomes

1 – História e literatura

A crise, pós-1945, dos modelos explicativos da realidade e das metanarrativas reabriu, segundo Sandra Pesavento e Jacques Leenhardt, “o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária, da gerência do tempo e da recepção do texto, questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginária do real”⁴.

Colocar a história e a literatura como possibilidades de pensar e recriar o “real” retira da narrativa histórica o status de ser o único local possível de fala e enunciação a respeito do “real”. Além disso, retira dela o caráter de se identificar com a passividade (o “real acontecido”). Ao fazer isso estabelece uma diferenciação entre passado real (passividade) e a própria historiografia (a escrita do historiador a respeito do passado investigado)⁵. Deste modo, a narrativa histórica seria tão somente um discurso a respeito do fato, ou seja, uma possibilidade de leitura do passado, mas não o próprio o próprio passado real.

Ora, a narrativa literária, assim como a narrativa histórica, cria uma versão sobre o fato; o que a diferencia uma da outra é a forma como o trata. A história tem a pretensão de ser um discurso científico, por isso pauta-se em métodos e em pesquisas documentais; já a literatura possui uma relação mais livre com o fato, sua escrita cria o fato, este não a antecede como ocorre com a História⁶.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Usos da Literatura Pela História: Fontes, Fatos e Narrativas”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande. E-Mail: <paulafdes@yahoo.com.br>.

³ GOMES, José Bezerra. A Porta e o Vento. In: Obras reunidas: romances. Natal: EDUFRRN, 1998. p. 235.

⁴ LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). “Apresentação”. IN: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Editora da INICAMP, 1998. p.10.

⁵ LEMAIRE, Ria. “O mundo feito texto”. In: DECCA, Edgar Salvadori de; LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da UNICAMP, Ed. da Universidade – UFRGS, 2000. pp.9 - 13.

⁶ Idem. Cf. WHITE, Hayde. “O fardo da história” et “As ficções da Representação Factual”. IN: *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da Cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. pp. 39-63; 137-151

A literatura cria o fato através da escritura, uma vez que, a narrativa literária não exige a “pesquisa documental”, típica da atividade do historiador e que se encontra na base de seu trabalho”⁷. Mesmo não necessitando da pesquisa documental ela faz uso de leituras que lhe ofereçam informações capazes de dar suporte à contextualização da narrativa. A narrativa literária possui uma liberdade diferente em relação à histórica. Esta depende do respaldo oferecido pela pesquisa documental e pelo reconhecimento de seus pares que dão legitimidade a produção.

É preciso destacar, no entanto, que as fontes, às quais a pesquisa documental dá acesso, não são mais entendidas pelo historiador como uma possibilidade de contado direto com o passado, uma vez que estas, segundo Ria Lemaire, são “uma *mise-en-forme* imaginária de dados do passado, já irrecuperáveis na imanência”⁸. Deste modo as fontes são um discurso a respeito do real e não o real. E é a partir deste discurso fornecido pelas fontes e da autoridade oferecida pelo lugar acadêmico que o historiador “inventa” o passado. Já na narrativa literária, segundo Pesavento e Leenhardt, o “componente de liberdade de construção e de ‘vôo’ de imaginação é mais amplo, podendo esquecer um pouco as condicionantes da ‘testagem’ das fontes”⁹.

Além da diferença no trato das fontes, há a diferença na leitura que cada uma tenta provocar no leitor. De acordo com Lemaire, a literatura estimula a identificação, a empatia entre leitor e texto, criando assim uma proximidade entre o leitor e o passado. Já a história tenta estabelecer “uma distância crítica entre o leitor, de um lado, e o passado e o discurso do historiador, de outro. Ao mesmo tempo, o historiador adota uma atitude mais ‘autoritária’. Ao domesticar, ao fixar, ao encaixar o tempo com o objetivo de apresentar a sua visão do passado, ele apresenta ‘o que poderia ter sido’ como ‘o que foi’. É baseando-se no seu estatuto científico que a história justifica a sua legitimidade como narração do passado”¹⁰.

Utilizaremos a literatura como objeto e fonte de pesquisa para o nosso trabalho, pois acreditamos que ela é uma das possibilidades de mapear as mudanças que a família sofreu durante a transição do século XIX para o começo do século XX¹¹. Mudanças ocorridas e vivenciadas num período marcado pela crise de um modelo de mundo e pela invenção de um novo, ou seja, crise do mundo tradicional e emergência de um mundo delineado por traços e cores de modernidade. Crise, em grande medida, sentida e, mais tarde, escrita em romances e memórias por filhos ou netos de descendentes de famílias que tinham, durante o século XIX, poder de mando e de nome – poder simbolizado pela posse de terra, de

⁷ LEENHARDT; PESAVENTO, 1998. p.11.

⁸ LEMAIRE, 2000. p.10.

⁹ LEENHARDT; PESAVENTO, 1998. p.12-13.

¹⁰ LEMAIRE, 2000. p.11-2.

¹¹ Cf. CERTEAU, Michel de. “A operação historiográfica”. IN: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. pp. 65-119.

cabeças de gado, de escravos e de paióis repletos de capuchos de algodão –, mas que o perderam no início do século XX.

Os descendentes destas famílias escrevem com saudade sobre o passado áureo de sua família e da época que permitiu a encenação do poder daquela. Saudade acompanhada pela vontade de recuperar o tempo de glória e pela frustração de saber que tal tentativa é mera ilusão. Isso é bastante presente na literatura regionalista produzida na década de 1930.

Partindo desta marca existente na literatura regionalista consideramos que os romances de José Bezerra Gomes, autor seridoense (1911 – 1982) da cidade de Currais Novos, seja uma fonte viável de estudo da família seridoense e de como essa família viveu as mudanças ocorridas na transição entre os séculos XIX e XX.

Escolhemos esse período histórico porque foi um período, como afirma Sevcenko¹², de muitas mudanças e avanços tecno-científicos em um curto espaço de tempo. Tais mudanças proporcionaram alterações bastante significativas nas pessoas, na família e na forma como os homens sentiram e viveram durante uma determinada época¹³.

2 – Transição do século XIX para o começo do século XX

Naquela época, a relação que as pessoas tinham com seu corpo, com os espaços, com a memória, com a família foram reelaboradas. No âmbito dessa reelaboração o corpo começava a ser pensado como pertencente a um eu individual que tinha vontades e necessidades próprias, muitas vezes, distintas do grupo familiar. Os espaços iam sendo construídos e pensados a partir da idéia de intimidade.

Segundo Sheila de Castro Faria, a divisão interna das novas casas inventadas pela nova vida urbana permitia as condições materiais para a construção da intimidade, “portas e corredores passavam a tornar inacessíveis aos olhos e ouvidos dos habitantes de uma casa atos e práticas de outro”¹⁴. Além da divisão interna das casas, o espaço citadino foi modificado. A nova geografia urbana exigia espaços higienizados, disciplinados e vigiados.

A memória bem como o lugar assumido pelos seus guardiões, lugar geralmente reservado aos mais velhos, começava a sofrer abalos. Havia uma “seleção” da memória uma vez que esta não poderia tornar-se um obstáculo ao progresso. Para ser moderno fazia-se necessário esquecer algumas práticas e hábitos tidos como antigos e contrários ao novo. A família, descrita por Freyre como extensa, diminuía o número de componentes e era

¹² SEVCENKO, Nicolau. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada*, vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp: 7 – 48.

¹³ Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª. Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

¹⁴ FÁRIA, Sheila de Castro. *A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 390.

esquadrinhada pelos saberes médico, jurista e pedagógico. Deste modo, o pai que antes governava só, agora, “compartilhava” o controle de sua família com tais saberes.

As mudanças nas relações, referidas acima, foram experienciadas em meio à emergência da modernidade, produtora de um cenário em constante modificação. Para permanecer, ou estar momentaneamente, no centro do palco era necessário saber utilizar os códigos criados por essa produtora de transformações. Ou seja, viver o tempo veloz, vestir-se de acordo com a moda, andar elegantemente pela cidade, freqüentar confeitarias e clubes, sendo estes visitados por corpos ágeis e munidos de um arsenal de regras de etiqueta.

A família, talvez tenha sido o corpo que mais recebeu aulas de etiqueta. Vários saberes como o médico, o jurista e o pedagógico ajudaram a educá-la. Tais saberes pretendiam apagar algumas linhas “tortas” da família patriarcal como o mandonismo do pai que arvorava para si o direito de “limpar” a honra de sua filha que fora maculada por algum rapaz de más intenções; o descuido com a educação das crianças, estas deveriam ser educadas para servir a nação e não ao pai; o uso de mesinhas, de beberagens, de chás para curar doenças, o descaso com a higiene do corpo.

Esta tentativa de redesenhar a família foi descrita por Gilberto Freyre, como vimos, como sendo a crise da família patriarcal brasileira. Crise de um modelo no qual o pai, da varanda da casa-grande, reinava sobre suas vastas extensões de terra. Lugar, este, que Freyre coloca como inviolável e longe das interferências do Estado; lugar no qual se entra apenas para pedir favor ao dono e senhor da terra. Senhor que às vezes soberbamente, às vezes paternalmente, controlava sua esposa, seus filhos, seus escravos, seus agregados tendo sobre eles poder de vida e de morte. Senhor de terra cuja capacidade de procriar, de gerar filhos legítimos e/ou ilegítimos era uma marca de seu poder. Filhos que constituíam ao lado dos agregados quase um exército particular a serviço da defesa da terra; da defesa do nome do pai. Pai simbolizado por um homem idoso, homem que guardava não apenas a terra, mas também, e talvez esta seja uma de suas principais funções, a memória da família. Conservar a memória familiar significava, em grande medida, assegurar uma possibilidade de continuidade, de permanência no presente.

No século XVIII esse modelo familiar, segundo Freyre, começa há entrar em crise. As casas-grande eram gradativamente substituídas pelos sobrados, ícones do crescimento das cidades e do declínio do mundo rural. A vida urbana pedia homens ágeis de movimentos rápidos e andar elegante como os dos franceses e ingleses. Estes homens eram simbolizados pelos “moços de vinte anos”. Se os jovens eram associados ao progresso, os velhos eram ao passado. Estes deixavam de ser pensados enquanto modelo para as gerações seguintes, agora, seus costumes e o passado o qual representavam são vistos como negação do novo, do moderno, do progresso.

A família patriarcal descrita por Freyre, entretanto, é apenas uma narrativa possível entre tantas outras, inclusive já encenadas. Neste sentido é que, por exemplo, Iranilson Buriti¹⁵ entende que ela foi construída discursivamente pelo sociólogo Gilberto Freyre, na década de 1920, período no qual as elites açucareiras e o mundo rural – mundo da casa-grande, das plantações de cana-de-açúcar, dos engenhos e das bagaceiras – cedia (ou lutava contra) espaço ao mundo urbano – mundo das ruas largas, dos carros velozes, dos bacheiros, das mulheres que se emancipavam.

Com a tematização da família patriarcal Freyre investia por sobre seu próprio mundo, tentando dar-lhe sentido. Nesse sentido, ele pretendia criar um modelo único e homogêneo capaz de contrapor-se as mudanças nos costumes e no que ele chamava de tradição. Mudanças como a emergência do filho bacharel que despreza a terra ou não sabia administrá-la como seu pai, a valorização da infância e o abandono da velhice, a substituição das relações personalistas pelas individuais, a padronização realizadas pelas produções em massa substituindo o artesanato, o exclusivismo.

3 – Seridó

É, justamente, essa idéia de crise de um modelo familiar, e as experimentações narrativas que ao seu redor se montaram, que nos interessa pesquisar. O que a historiografia nomeia como sendo crise? Ela ocorreu em todo o país? O modelo pensado por Freyre para explicar a zona da mata açucareira de Pernambuco pode ser usado para pensar o sertão seridoense, lugar em grande medida voltado para a pecuária e para o algodão? A chegada do moderno foi vivenciada da mesma forma em todo o país?

Partindo da hipótese de que cada lugar a vivenciou de um modo distinto, às vezes se aproximando e às vezes se afastando de outros lugares, procuraremos investigar como a família seridoense vivenciou e sentiu as mudanças proporcionadas pela modernidade. Pretendemos pensar a família dentro de um espaço territorial específico: o Seridó – microrregião do Estado do Rio Grande do Norte, valendo-nos, para tanto, da problematização de uma certa literatura ali produzida e àquele mundo referida.

Ora, como já apontamos acima, o Seridó, de acordo com Muirakytan Kennedy Macêdo, não é algo natural, mas que foi construído discursivamente pela elite seridoense. Construído de modo a demarcar poder e espaço político dentro da Província, mais tarde Estado, do Rio Grande do Norte. Espaço, segundo a historiografia seridoense¹⁶, colonizado e povoado por

¹⁵ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de família no Recife moderno (década de 20 e 30)*. Recife, 2002. Tese (Doutorado em História) – CFICH, Universidade Federal de Pernambuco.

¹⁶ MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Velhas Famílias do Seridó*. Brasília, 1981.

homens de estirpe, homens ligados a terra, a tradição, a honra, a família, a Deus; homens que resistiam à seca, às inconstâncias do tempo.

De acordo com a historiografia seridoense, o Seridó teve início, em 1676, com a data de Acauã, hoje município de Acari, primeira concessão de terra com confirmação régia. O povoamento do sertão não foi rápido, uma vez que, os índios representavam entrave aos colonizadores. Após a Guerra dos Bárbaros ou Confederação Cariri (1683-1697), chegaram

com mais fluidez os primeiros homens brancos que se fixaram no Seridó, inicialmente denominado de **Sertão do Acauã**. Não se tratavam, porém, dos donos das terras, mas sim, por precaução, seus lugares-tenentes que se encarregavam de acostumar o gado ao pasto, construir currais e os precários casebres de taipa.¹⁷ (Grifos do autor)

Depois de instalados, chegaram as famílias. Segundo Medeiros Filho, “as primeiras famílias ali instaladas, cuja lembrança se impôs pela perpetuação genealógica regular, somente apareceram após o ano de 1720”¹⁸. O autor nomeia como sendo família os primeiros laços de consangüinidade e de parentesco formados a partir dos primeiros donos e senhores da terra. Homens que chegaram ao Seridó após seus lugares-tenentes estabelecerem as condições mínimas de morada.

Senhores advindos das capitanias vizinhas ao Rio Grande, Paraíba e Pernambuco, e de além mar, os portugueses, sendo estes citados por Medeiros Filho como sendo base de dez das doze primeiras famílias povoadoras do Seridó. Além disso, família está associada à idéia de pureza de sangue, de linhagem, de nome, de posse de terra, de gado, de escravos. Dessas famílias formou-se o que a historiografia seridoense nomeia como estirpe. Delas saíram os “homens bons” que fizeram parte da elite política do Seridó e que contribuíram para a construção geográfica e discursiva do mesmo.

Macêdo diz que o Seridó, durante o século XVIII, é nomeado como espaço de superação, superação da natureza pelo homem; já no século XIX é associado ao progresso, sendo o algodão tomado como símbolo maior da prosperidade e do diálogo com o novo. Deste modo, mais do que um espaço geográfico, o Seridó é um espaço construído e delimitado pela memória (espaço da tradição) bem como pelo desejo de romper com esta (espaço do progresso).

É nesse Seridó dividido entre a memória e o progresso que desejamos estudar a problemática da família, mais especificamente, como os membros desta sentiram e viveram as mudanças de costumes, de comportamento, enfim, de modos de viver. Como eles fizeram uso do moderno? Se eles conseguiram adaptar suas antigas práticas ao novo? Se eles tentaram evitar a mudança e como fizeram?

¹⁷ MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense. Natal, 1998. Dissertação de Mestrado UFRN. Departamento de Ciências Sociais, UFRN. p. 24.

¹⁸ MEDEIROS FILHO, Olavo de. Velhas Famílias do Seridó. Brasília, 1981.

4 – Obra de José Bezerra Gomes

Escrever, segundo Certeau, é uma prática moderna, urbana e que deve ser pensada dentro das mudanças históricas, uma vez que cada época e cada lugar permite a enunciação de uma fala e silencia outras. Partindo desta idéia cremos que é importante para a nossa pesquisa bem como para a análise das obras usadas como fonte entender como o período no qual elas foram escritas década de 1930, 1940, 1970 pensava e escrevia, como via a prática da escrita. O que significava escrever para os descendentes das famílias em crise? Para quem eles escreviam? Quem lia? Como os textos eram lidos? Essas são perguntas que desejamos discutir e investigar na pesquisa futura.

Conforme enunciado páginas atrás, desejamos investigar os modos pelos quais se construiu a experiência singular da modernização no Seridó. Para tanto, nos colocaremos em uma de suas cidades: Currais Novos. Escolhemos essa cidade porque usaremos como fonte de pesquisa três romances, sendo estes: *Os Brutos* (1938), *Por que não se casa, Doutor?* (1944) e *A Porta e o Vento* (1974), produzidos por um de seus filhos, o escritor José Bezerra Gomes.

O primeiro livro de Bezerra Gomes localiza-se entre os livros *Menino de Engenho* (1932), José Lins do Rego; *Cacau* (1933), Jorge Amado; *São Bernardo* (1934), Graciliano Ramos. Insere-se entre os romances de trinta, produção literária que discutia as questões do Nordeste tais como seca, migração, crise da elite agrária.

O romance de trinta, como se sabe, trata da mudança do eixo político e econômico do Nordeste para o Sudeste do país. As elites do Norte perdiam espaço de mando e de decisão política no cenário nacional para o Sudeste, representado principalmente por São Paulo, sendo este tido como símbolo maior do progresso, das inovações técnico-científicas em contraposição ao Nordeste tido como representante de um passado ligado ao agrário, à escravidão, ao atraso.

Escrever para os filhos dessa elite nortista em crise seria uma tentativa de “resgatar” o passado de glória, passado no qual o Nordeste e seus filhos eram importantes no cenário nacional, e preservar a memória mantendo-a a salvo das investidas do tempo veloz da modernidade. Escrever era uma forma de escrever a si mesmo, de criar um espaço seguro e atemporal, de criar um território fixo para si e para os de sua geração que se sentiam desterritorializados.

Segundo Nei Leandro de Castro, prefaciador do livro que publicou os três romances reunidos, Bezerra Gomes, com *Os Brutos*, iniciou o “ciclo do algodão” a semelhança do que fez José Lins do Rego com o seu “ciclo da cana”.

Os três romances são marcados pela presença de metáforas de decadência e ruína. Decadência econômica dos fazendeiros de algodão, decadência do jeito de viver e sentir

desses homens, ruína da casa do pai e da proteção que o seu nome quando enunciado oferecia. A impressão que temos ao ler essas obras é que há uma disputa entre o nomeado como velho e o nomeado como novo. Alguns personagens, a exemplo do Major Alexandrino, como mostraremos mais adiante, tentam resistir às mudanças enquanto outros querem vivê-las e lucram com as mesmas, como o faz Seu Tota.

Antes de analisarmos os romances, faremos um breve relato a respeito da vida do autor. Faremos isso para dar algumas orientações sobre o lugar de onde Bezerra Gomes fala uma vez que compartilhamos com Certeau a idéia de que cada autor escreve a partir de um lugar, seja social, econômico, político ou institucional, e este interfere em sua escrita. Pois cada lugar permitir certas falas e silencia outras.

4.1 - Breve relato da vida de José Bezerra Gomes

José Bezerra Gomes é neto dos coronéis José Bezerra de Araújo Galvão (avô paterno) e Luiz Gomes de Melo Lula (avô materno), dois homens representantes do poder de mando no sertão do Seridó. Nasceu no sítio Brejuí, município de Currais Novos – RN, no ano de 1911. Estudou em Belo Horizonte na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais onde se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais. Exerceu pouco a profissão de advogado. Da mesma forma teve uma breve carreira política como vereador em Currais Novos. Seu gosto pela escrita apareceu ao público pela primeira vez no Jornal da Associação Potiguar de Estudantes, participou desse jornal quando ainda era estudante ginásial. Escreveu romances (alguns ainda não publicados), poesias, realizou estudos sobre folclore, escreveu biografias e estudava genealogia, sendo membro efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro. Mudou-se para Natal onde morava com sua mãe Dona Veneranda. Gomes faleceu no ano de 1982. Não deixou herdeiros, não teve sucesso como advogado e nem como amante. Morreu quase no esquecimento.

4.2 - Análise das obras

Os últimos anos do século XIX e começo do XX foram marcando por muitas mudanças. Mudanças que segundo Sevcenko, vão “afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou alheamento de outros seres humanos”¹⁹.

Além disso, a emergência dos “novos homens” desestabilizou a sociedade e cultura tradicional. A emergência do que Freyre chamou de moço de vinte anos cria um novo lugar

¹⁹ SEVCENKO. 1998 p.7.

para o velho, lugar não mais de prestígio, mas de descrédito. A cidade tornava-se cada vez mais um atrativo que encantava com suas luzes e seus aparatos técnicos enquanto o campo era visto como atraso oposto ao progresso. Havia o que Sevcenko chama de ojeriza ao passado colonial e escravista bem como a tudo que pudesse lembrá-lo.

“No afã do esforço modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus ou norte-americanos. (...) Era como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexos co-extensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas”.²⁰

O desprezo pelo velho e pelo passado, segundo Gilberto Freyre, poderia ser visto por exemplo no próprio descuido com os casarões antigos. Os casarões antigos que ficavam de herança para os filhos, os netos, bisnetos não conseguiam manter-se conservados pelas novas gerações amantes da modernidade e de tudo que a ela estivesse associado.

À decadência de famílias por três, quatro, cinco ou seis gerações patriarcalmente opulentas, teria de corresponder o que vem acontecendo, entre nós: a ruína, por abandono, de velhas casas-grandes de fazenda ou de engenho; a sua transformação em fábricas em asilos, quartéis, refúgios de fantasmas de subúrbio ou de malandros de cais.²¹

A casa é lida como um símbolo do mundo patriarcal, é o reino do pai. É de sua varanda que ele ordena, organiza, atribui sentido e vida ao que o cerca. A ruína da casa significa, em grande medida, o ruir de um jeito de viver e de sentir; o ruir da proteção oferecida pelo nome do pai, pelos limites territoriais simbólicos demarcados pelas cercas. Nesses limites os filhos formavam em torno do pai uma espécie de exército em defesa, não havia a idéia de indivíduo. A família patriarcal não produzia indivíduos, mas um grupo que deveria manter-se coeso de modo a evita o enfraquecimento do poder do patriarcal, a fragmentação da terra e a garantir o poder de enunciação do nome através das gerações.

A família burguesa cria uma nova relação entre os parentes. O filhos são educados não mais para formar um exército particular a serviço do pais, mas para servir a nação. “Os filhos deveriam ser criados para amar e servir à ‘humanidade’ e não para amar e servir à família”²². A idéia de individualidade é algo marcante na família burguesa, ao contrário da patriarcal que se pensa enquanto grupo, ela cria espaços – quartos, corredores, portas – dentro da casa de modo a possibilitar o cultivo da intimidade e formação de uma identidade apartada da família²³.

²⁰ Idem, p.27.

²¹ FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. In: SANTIAGO, Silviano (Coord.). Intérpretes do Brasil, vol. 2. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 675.

²² COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. p. 170.

²³ Cf. COSTA, 1999.

As transformações que percebemos nos romances de Bezerra Gomes eram vivenciadas não apenas no Seridó, mas também em outras localidades do país.

Os três romances possuem um caráter memorialista, e são baseados, em grande medida, nas memórias do autor. Rememorar seria uma forma de evitar que o passado fosse esquecido, passado no qual o nome de sua família tinha poder de mando e entrega a Bezerra Gomes um lugar social já pré-estabelecido, bem como seria uma forma de criar o futuro. O futuro seria tomado não como um mosaico de hojes, de agoras, mas como um mosaico formado por fragmentos do passado. Fragmentos escolhidos em um passado tido como glorioso. A recusa pelo ato de esquecer impede a Bezerra Gomes, e a muito de sua geração, viver o hoje, viver as inconstâncias do tempo. O deus Cronus deve ser paralisado. A escrita memorialista terá esse papel de evitar ou retardar a sua ação.

Assim, *Os Brutos* e *A Porta e o Vento* são romances que, de acordo com Franselma Fernandes de Figueirêdo, narram

a tradição cultural do sertão do Seridó, através de personagens do cotidiano e de figuras que representam a sociedade patriarcal. No decorrer desses romances o Seridó vai sendo revelado de forma dinâmica e expressiva, desvendando-se todas as veredas da sua tradição num processo de contínua modernização, no qual a sociedade patriarcal e rural começa a ser substituída pela sociedade pela sociedade burguesa e urbana.²⁴

Narrar essa tradição do sertão algodoeiro seria uma forma de evitar o seu esquecimento, o seu esgarçamento provocado pela urbanização e pela modernidade.

Por que não se casa, Doutor? é ambientado em Belo Horizonte e não no sertão do Seridó. Mas mesmo assim consegue criar dentro de sua narrativa um contraste entre o urbano, Belo Horizonte, e o mundo rural, a Vila do Serro, terra natal de Flávio e lugar para onde foge em pensamento quando se sente sem forças e pequeno diante do mundo que parece não acolhê-lo como pessoa, mas, como indivíduo que fracassou, que não soube viver o moderno.

Nesse ponto essa obra pode ser comparada a *Angústia*, de Graciliano Ramos. Em *Angústia*, o personagem Luís da Silva não se sente bem na cidade, vê a si mesmo como um homem fraco que baixa sua cabeça diante de qualquer autoridade e esconde-se dos olhos de seus semelhantes. Quando se sente acuado busca forças no seu passado, na fazenda de seu avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante da Silva, homem de muitos sobrenomes e de muito poder de mando. Porém, a herança de Luís resumiu-se a um sobrenome (Silva) e um emprego de funcionário público²⁵.

²⁴ FIGUEIRÊDO, Franselma Fernandes de. *Nas Veredas da Tradição Seridoense: uma introdução à leitura da obra de José Bezerra Gomes*. Natal, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – CCHLA, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. p. 16.

²⁵ RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record e Altaya, s/a.

Por que não se casa, Doutor? é uma obra de caráter autobiográfico. Flávio, personagem principal, é um advogado que não exerce a sua profissão e reduziu a sua vida profissional ao trabalho de amanuense. Andando no mesmo ritmo da profissão, sua vida amorosa resumiu-se a um romance com Magda, dançarina de cabaré a quem ele nunca ousou tocar, e um romance secreto com a esposa de um dos hóspedes da pensão de Dona Eulália, lugar onde o próprio Flávio morava. Bezerra Gomes, talvez para eximir-se de qualquer possibilidade de semelhança entre ele e o seu personagem, inicia este romance advertindo o leitor de que qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência:

Os personagens e situação deste romance são imaginários.
Qualquer semelhança com pessoas ou fatos da vida real terá sido mera coincidência.
Vivendo o mundo de um bacharel fracassado, a vida acabada de um recém-formado, traz apenas os estigmas da época em que foi sentido.²⁶

As três obras são narradas por netos de senhores de terras cujos filhos não conseguiram fazer com que a riqueza chegasse até a terceira geração. Esta teve que migrar, como o fez o personagem Sigismundo, ou refugiar-se em um emprego de funcionário público, como o fez Flávio. Essa quase impossibilidade de manter uma riqueza até a terceira geração pode ser vista em um ditado que, segundo Castro Faria, havia na Colônia: “*Avô taverneiro, filho barão e neto pobre*”. O endividamento, a fragmentação devido à partilha da herança, a morte ou doença do patriarca, a incapacidade de mando dos filhos ou o vício dos mesmos, o desprezo pela terra contribuem para o esfacelamento das riquezas e ruína da casa-grande. Fortunas que pareciam sólidas e que garantiam ou permitiam o prestígio social e econômico de uma família dissolviam-se. Os descendentes dessas famílias para sobreviverem tinham que aprender a viver em meio a tanta fluidez proporcionada pela modernidade.

Em *Os Brutos* podemos perceber a diminuição ao longo de três gerações do poder e prestígio de uma família. Cipriano (2ª geração) era viciado em jogo, herdou de seu pai Cazuzza (1ª geração), como narra Bezerra Gomes, uns restos de terra chamado Alvío, terra que lhe coube depois de seus irmãos descontarem as dívidas de jogo pagas pelo velho Cazuzza. Tentou endireitar-se, dedicar-se ao Alvío, mas acabou perdendo-a devido a uma dívida, não de jogo, mas de empréstimo feita a Seu Tota, um atravessador. Se Cipriano herdou uns restos de terra, seu filho Sigismundo (3ª geração) herdou apenas a opção de migrar. De possível herdeiro, Sigismundo virou retirante. Ia tornar-se em São Paulo um indivíduo, não seria mais o Sigismundo, neto de Seu Cazuzza, seria apenas um migrante como tantos outros migrantes. Há aí a perda de nome, não se pensa mais em pessoa ligada a um grupo familiar, mas pensa-se em um indivíduo que precisa fazer-se a si mesmo. O

²⁶ GOMES, José Bezerra. *Por que não se casa, Doutor?* IN: Obras reunidas: romances. Natal: EDUFRN, 1998

nome dado no batismo não abre mais todas as portas, o indivíduo terá que abrir seu caminho sem a proteção do nome, sem a proteção do pai.

O mundo patriarcal é descrito por Bezerra Gomes como um local de segurança, de refúgio, mas que aos poucos se vê em terreno instável devido à modernidade, aos novos hábitos marcadamente urbanos e que se contrapõem a simplicidade do rural. Apesar de simples é um lugar onde há grandiosidade e abundância nas pessoas e na natureza. Em *A Porta e o Vento*, o autor descreve a figura do patriarca, Major Alexandrino, como um gigante cujos passos abalam toda a casa: “Os passos do meu avô abalavam a casa inteira”²⁷. Gomes não descreve um homem, mas um senhor de terras, um fazendeiro que em grande medida é tomado como a personificação do poder, do mando e do controle sobre as terras, sobre a natureza, sobre as pessoas que estavam ligadas a ele, seja por relação de consangüinidade ou rituais, seja por prestação de serviço. O Major Alexandrino controla a produção, observa quanto sua terra produz, está sempre juntando com as mãos os capuchos de algodão que caem no chão. Seus filhos não sabem mandar, são homens desprovidos de força de mando, a exemplo de Santos. Este não toma gosto por nada. É um homem sem ânimo, vive deitado em uma rede, está sempre ausente de si, com o pensamento longe. Essa sua introspecção faz com que sua família tema por sua sanidade

Quando retornou a si, Santos olhou-se atordoado.
 Voltando a si mesmo através da sua consciência adormecida...
 Estava rodeado por rostos imperceptíveis...
 Longe, perdia-se uma voz que acariciava o sofrimento de sua alma...
 - Está sofrendo do juízo...²⁸

O Major pode ser tomado como um representante do mundo patriarcal que resiste a mudança de costumes e de modos de vida. É um dos últimos baluartes do patriarcalismo, sua morte não significaria apenas a morte de um homem, mas, seria também, o fim de um passado, de uma tradição. O autor metaforicamente nos diz isso. Pois, usa a casa-grande para simbolizar o velho patriarca. A casa-grande é uma casa antiga cujo telhado apesar de escurecido resiste às investidas insistentes do cupim. Porém, após a morte do Major, ela ruiu rapidamente. É tomada por teias de aranhas, por morcegos, lagartixas, ratos.

O cadáver do meu avô [Major Alexandrino] não tinha descido à terra e já se sentia que com ele tinha desmoronado também todo o seu Bom Retiro...
 Fora como se a casa-grande houvesse caído, tivesse sido destelhada, arrastada por uma tempestade...²⁹

²⁷ GOMES, José Bezerra. *A Porta e o Vento*. IN: *Obras reunidas: romances*. Natal, EDUFRN, 1998. p. 254.

²⁸ Idem. p. 286.

²⁹ Idem. *Ibidem*. p. 282.

Assim levantamos a hipótese que o século XIX é representado nos romances de Bezerra Gomes pelos avôs, pela forma como estes conduzem suas casas, suas fazendas, como se relacionam com seus filhos, como encaram as mudanças de costumes. Talvez, a fala bastante repetida pelo Major: “Ainda estou vivo. Quando eu morrer então acabem o resto”³⁰, signifique, enquanto eu estiver vivo lutarei contra as mudanças, resistirei aos abalos e investidas do tempo. Uma das armas contra tão terrível algoz é a memória. Preservá-la, mantê-la a salvo da poeira do tempo, seria uma forma de evadir-se da mudança. A memória ajudaria a construir uma casa que se conservaria sempre no passado, tido ou sentido como áureo, e longe das investidas constantes do presente, do futuro. Por mais que estes batessem à porta exigindo sua entrada, ela não seria aberta. Mas não se foge de Cronus. Ele entra sorrateiramente pelas brechas e frestas da porta e deixa sua marca na casa, nos objetos e principalmente em nós. Cronos tem um efeito corrosivo. Ele corrói o mundo que dava sustentabilidade ao nome do pai e a proteção que o mesmo oferecia. Corrói não apenas os senhores patriarcais, mas também seus descendentes. Homens divididos entre o desejo de viver as aventuras e prazeres do moderno e o desafio de impedir o desmoronamento da casa do Pai. Em *Por que não se casa, Doutor?* podemos perceber toda a angústia do personagem Flávio por não conseguir atender os sonhos de seu pai:

Mas o meu bacharelado nunca passou de uma conseqüência da vontade exclusiva de meu pai. Eu era um menino tímido, pegado às pernas domésticas e ele sempre lutou para fazer de mim ‘um homem’.

Cedo me pôs no grupo, depois no ginásio, por fim na academia. (...) Mas, antes de minha formatura, a morte o colheu depois de gastar as últimas economias com a doença que o afligia, deixando sobre os meus ombros débeis depois o peso de uma responsabilidade além do meu poder.

Senti-me como um barco sem leme e me vi sem forças para caminhar, sozinho, dentro da profissão a mim imposta pelos desígnios paternos, certo de que tropeçaria como um coxo que tivesse ficado sem as muletas, sem ânimo para dar um passo, encolhido na minha incapacidade profissional.³¹

Flávio sente-se um franco, um desfibrado, um homem de ombros débeis. Ele simboliza toda uma geração que se sente desterritorializada e perdida longe da proteção oferecida pela casa do pai. Tentam restaurá-la, mas as possibilidades oferecidas a eles não permitem reerguê-la de modo semelhante à do pai. Eles conseguem apenas restaurar pequenos pedaços da casa e estes não se encaixam dentro da nova. Por mais que sejam cortados, recortados, mudados de canto ficam quase sempre deslocados e criam nos habitantes da casa a falsa sensação de que, dentro daqueles retalhos do velho, do antigo, da casa do pai, estavam a salvo das investidas do tempo. Bezerra Gomes tentou proteger-se do tempo, permanecer na história e na memória, mas morreu quase no esquecimento. A memória,

³⁰ Idem. Ibidem. p. 235.

³¹ GOMES, José Bezerra. *Por que não se casa, Doutor?* IN: Obras reunidas: romances. Natal: EDUFRN, 1998. p. 73-4.

talvez, tenha-o traído, mas o esquecimento, talvez, também, tenha-o libertado. Libertado da difícil tarefa de reerguer as paredes da casa-grande da fazenda o Bom Retiro.

As obras referidas, enfim, oferecem ao leitor não apenas um painel das transformações provocadas na organização social e familiar (se é possível separar estes dois territórios) do Seridó quando da experimentação, no início do século XX, dos signos do moderno – mas, principalmente, oferecem uma interpretação daquelas experiências. Daí o seu interesse como objeto do estudo do historiador: elas são ao mesmo tempo uma espécie de registro do vivido, e sua problematização. Estudá-las é, na tradição da história cultural, colocar em questão as formas pelas quais as sociedades pensam a si mesmas, e significam-se.